

Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS
Curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância
Faculdade de Educação (FACED)

Íris Azevedo Acosta Dias

SORRISO NEGRO:
Trabalhando autoestima de alunos negros na Educação Infantil

São Leopoldo, 2010.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS
Curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância
Faculdade de Educação (FACED)

Íris Azevedo Acosta Dias

SORRISO NEGRO:
Trabalhando autoestima de alunos negros na Educação Infantil

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado a comissão de graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Clevi Elena Rapkiewicz, DSc.

São Leopoldo, 2010.

DEDICATÓRIA

*Ao meu pai **Paulo Roberto Acosta Dias**, jornalista excepcional que me ensinou o amor pelo ser humano e o gosto pela leitura, pessoa pela qual tenho admiração, respeito, amor e, sobretudo muita saudade.*

Agradecimentos

Agradeço a **Deus**, por ter me sustentado nos momentos mais difíceis, permitindo que eu conseguisse concretizar esse sonho.

A minha mãe **Jovane**, por sua presença constante em minha vida, por ser o meu espelho de mulher e educadora.

A minha **família**, pela colaboração e incentivo para prosseguir.

Ao meu grande companheiro **Varlei**, mais que um namorado, se mostrou um grande amigo, compreendendo e demonstrando carinho e paciência à todo momento.

As minhas amigas **Elisandra, Ivanize e Patrícia** do Projeto Formatura pela parceria firmada e amizade construída, pelos momentos de auxílio e descontração, por dividirmos sonhos e acreditarmos numa educação de qualidade na rede pública.

A orientadora **Clevi Elena Rapkiewicz**, pelos ensinamentos, exigindo compromisso e disciplina, acreditando no meu potencial tornou esse trabalho possível.

A tutora **Giselda Corrêa**, pela ajuda e compreensão durante o estágio e desenvolvimento do trabalho de conclusão, pessoa pela qual tenho admiração.

A titular da turma **Nedi Flores Gonçalves**, colega e amiga, mestre na arte de compreender e auxiliar, pessoa com a qual aprendi muito.

A Instituição de ensino em que realizei a pesquisa, **EMEI Recanto do Filhote**, por proporcionar momentos de estudo e aperfeiçoamento.

Aos **meus alunos**, que me acompanham na construção de mulher-educadora, motivo das minhas perguntas e da busca pelas respostas.

“Não ser racista é mais que ter amigos negros e aceitar sua cultura. Ser livre de preconceitos é acreditar que todos devem ter oportunidades iguais, independente da cor, raça, sexo ou etnia.”

Paulo Paim

Resumo

Considerando a presença do racismo velado no cotidiano escolar, o objetivo desta pesquisa é investigar de que maneira a aplicação da Lei 10.639/2000 através do estudo da cultura africana e afrobrasileira influencia na autoestima dos alunos de 4 a 6 anos, buscando refletir especialmente sobre os padrões de beleza que se constituem no espaço escolar em função do preconceito e do racismo que ainda estão muito presentes na nossa sociedade. A metodologia adotada foi o estudo de caso, pesquisa qualitativa, desenvolvida através de estudo teórico e análise de resultados obtidos ao longo do estágio curricular do curso de Pedagogia. Através da pesquisa foi possível afirmar a importância de um currículo escolar democrático, que contemple e valorize a cultura afrobrasileira e que contribua efetivamente com a superação de preconceitos e práticas discriminatórias e racistas. A escola que privilegia a educação antirracista possibilita aos alunos negros valorizarem-se, e à comunidade escolar como um todo, oportunidade de conhecer culturas diferentes da cultura dominante, bem como a valorização e reconhecimento da importância das diferentes culturas para a formação do povo brasileiro.

Palavras-chave: Autoestima ,racismo, preconceito, cultura afrobrasileira, currículo escolar, educação antirracista.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA.....	12
2.1 Justificativa e motivação	12
2.2 Caracterização do Problema	13
2.3 Questões, hipóteses e objetivo da pesquisa.....	14
2.4 Metodologia	15
3. COMPREENDENDO MELHOR O ASSUNTO ABORDADO	17
3.1 Legislação acerca do tema	18
3.2 Conceito de raça e racismo	20
3.3 Relações étnico raciais na Educação Infantil.....	23
3.4 Auto estima do aluno negro	24
3.5 O papel do educador numa educação antirracista.....	26
4. REFLETINDO SOBRE AS AÇÕES.....	27
4.1 Professora negra: Ter / Ser	27
4.2 Ser negro: Aceitação X Negação.....	28
4.3 A família e a relação com a Etnia	30
4.4 Trazendo a cultura do povo negro para a sala de aula.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
6. REFERÊNCIAS.....	47
7. ANEXOS.....	48

Lista de Figuras

Figura 1 – O caminho dos navios negreiros	36
Figura 2 - Negros no Fundo do Porão	37
Figura 3 – Fazendo tranças.....	38
Figura 4 – Oficineiras e meninas trançadas.....	38
Figura 5 – Culinária Africana: Mugunzá.....	39
Figura 6 – Receita da Rótulos	40
Figura 7 – Aprendendo os movimentos de capoeira.....	40
Figura 8 – Construção do Caxixi	41
Figura 9 – Conhecendo os instrumentos.....	41
Figura 10– Roda de Capoeira.....	42
Figura 11 – Visita de Paulinho de Odé.....	43

Lista de Quadros

Quadro 1 – Legislação.....	18
Quadro 2 – Marco Teórico	21
Quadro 3 – Literatura	32

1. INTRODUÇÃO

Professora de educação infantil há dez anos, as atitudes de preconceito sempre me trouxeram angústia e insatisfação. As relações étnico raciais na educação infantil demonstram de forma mais ingênua o que acontece em nossa sociedade. Essas relações trazem consigo heranças familiares de (pré) conceitos formados e passados de geração para geração.

O presente trabalho tem por finalidade analisar questões raciais no espaço escolar e a aplicação da Lei 10.639/2000 referente à obrigatoriedade de incluir no currículo a cultura africana e afrobrasileira, mais especificamente sobre a influência desses estudos na autoestima dos alunos negros de uma turma de 4 a 6 anos.

O objetivo é contribuir para o processo de reflexão dos educadores sobre a importância de um currículo escolar democrático, que contemple e valorize a cultura afrobrasileira e que contribua efetivamente com a superação de preconceitos e práticas discriminatórias e racistas.

Para que este processo de reflexão aconteça é necessário analisar as questões raciais no espaço escolar, especialmente nos padrões de beleza que se constituem em função do preconceito e do racismo que ainda estão muito presentes na nossa sociedade e conseqüentemente na escola, e como estas questões são contempladas no currículo escolar.

A ausência da cultura africana e afrobrasileira dentro das escolas pode estar contribuindo para a baixa autoestima dos alunos negros, fazendo com que estes sintam-se excluídos da cultura escolar. Essa problemática, aliada ao conhecimento das dificuldades em, apesar da obrigatoriedade, inserir o tema das africanidades no currículo foram importantes para a realização desse trabalho.

A reflexão proposta a partir desse estudo de caso propõe uma discussão sobre de que forma a Lei 10.639/2000, que visa um currículo escolar que contemple as diferentes culturas pode contribuir com a formação de autoimagem positiva em crianças negras.

Para iniciar essa reflexão, proponho ao leitor que conheça no próximo capítulo o objeto de pesquisa. Além da pergunta norteadora, é possível que se compreenda a importância do tema, através da justificativa para a escolha. Em um breve relato, é possível compreender em que contexto o estudo de caso foi realizado e quais as hipóteses com que se inicia a pesquisa. Também nesse capítulo é apresentada a metodologia utilizada.

Importante ao iniciar esse trabalho, construir uma base conceitual acerca dos assuntos que estão relacionados com o objetivo dessa pesquisa. No terceiro capítulo, são apresentadas considerações sobre racismo e preconceito perpassando pela trajetória da legislação em busca da igualdade racial em nosso país. Os estudos passam a ser direcionados para a educação, analisando as relações interraciais na escola, relações interpessoais na Educação Infantil e focando na aplicação da Lei 10.639/2000 uma breve reflexão sobre a autoestima dos alunos negros e o papel do educador para uma educação antirracista.

Buscando o cumprimento da lei e visando o aumento da autoestima dos alunos negros da Escola Municipal de Educação Infantil Recanto do Filhote, desenvolvi projeto “Convivendo com a Diversidade”. O quarto capítulo apresenta as atividades realizadas com as crianças. Ao longo do período do projeto, a observação e coleta de informações foram importantes para a construção desse capítulo. A análise das evidências, o resultados do trabalho relacionando com o referencial teórico apresentado anteriormente constituem a base para a busca de hipóteses para compreender *“De que maneira o estudo da cultura africana e afrobrasileira com alunos entre 4 e 6 anos influencia na autoestima do aluno negro?”*.

Ao finalizar esse trabalho, apresento as considerações finais buscando refletir sobre as hipóteses, a fim de confirmá-las, repensando a presente pesquisa.

2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Para iniciar essa reflexão, proponho ao leitor que conheça o objeto de pesquisa. Nesse capítulo, além da pergunta norteadora, é possível que se compreenda a importância do tema, através da justificativa e motivações pessoais e profissionais que me levaram a escolhê-lo. Em um breve relato, é possível compreender em que contexto o estudo de caso foi realizado e quais as hipóteses com que se inicia a pesquisa. Também nesse capítulo é apresentada a metodologia utilizada.

2.1. Justificativa e motivação

Vinda de uma família de origem europeia, de pele branca e cabelos lisos, com pais de nível universitário - professora e jornalista, cresci em uma casa onde não presenciava situações de discriminação. Meus pais de esquerda, militantes contra a ditadura, sempre tiveram uma postura livre de preconceito. Aos quatorze anos comecei a namorar um menino negro, de pele bem escura e só então pude sentir o preconceito. Em um verão, eu e minha família fomos à uma praia do litoral norte frequentada, na grande maioria, por descendentes de alemães. Nesse momento da minha vida pude perceber os olhares e comentários de “estranheza”. Lembro de uma frase, que apesar de passados quinze anos, ainda me choca: “Judiará, tão linda e com esse negrinho”. Quando questionado por mim sobre gostar ou não que sua filha se relacionasse com meninos negros, meu pai respondeu: “Eu não tenho discriminação, mas não sei se tu estás preparada para enfrentar a barra que é ser negro em nosso país. Eu, como teu pai, sofro em saber tudo que tu irás sofrer.” Eu tinha quinze anos.

Aos dezoito anos eu estava dentro de uma sala de aula de escola pública, e hoje tendo trabalhado dez anos com educação, a escolha da etnia como tema

central do meu estágio e trabalho de conclusão tem como base a minha percepção da sociedade em que vivemos. Nossa sociedade, apesar de ser multicultural, ainda traz arraigado muito preconceito e discriminação contra o negro. Nossos alunos negros, que crescem em ambientes onde o negro ainda é visto como “diferente”, trazem consigo essa idéia de serem ou poderem menos que os demais, de pele clara.

A lei 10.639/00 que traz a obrigatoriedade do estudo da cultura africana e afrobrasileira no currículo escolar já tem dez anos, porém eu passei a pensar na aplicabilidade a partir do compromisso firmado, ano passado, pela Prefeitura de Canoas com o Ministério da Educação e Cultura. Através de palestras com a professora Adiles Lima, uma das participantes da construção dessa lei em Brasília, pude perceber a aplicação desta como aliada à construção da identidade dos alunos negros da Escola Municipal de Educação Infantil Recanto do Filhote, em busca da igualdade e justiça social.

Através da aplicação da lei, nossas práticas educativas rompem a “cultura do silêncio” entendendo que as crianças aprendem a diferença, o respeito e a cidadania por estar implicada ativamente na sua própria experiência de conhecimento e de vida. Fundamentando o ensino no reconhecimento da identidade histórico-cultural, desenvolvendo políticas de reinvenção do conceito de igualdade, dessa forma fortalecendo em nossos alunos, a idéia de diverso, fomentando o respeito às diferenças e a valorização do negro, contribuindo para o processo de auto-estima dos alunos negros.

2.2. Caracterização do problema

O presente trabalho aborda o cumprimento da Lei 10.639/00 em turmas de educação infantil. A lei supracitada determina a inserção da cultura africana e afrobrasileira no currículo escolar, resgatando dessa forma, as contribuições do povo negro ao longo da história do nosso país.

Percebendo em nosso cotidiano escolar ainda diversas situações de exclusão (e autoexclusão) em virtude da cor negra da pele, esse estudo visa perceber a influência da aplicação da lei na construção de uma autoimagem positiva nos alunos negros.

2.3. Questões, Hipótese e Objetivos da Pesquisa

O tema deste trabalho de conclusão de curso é o estudo da cultura africana e afrobrasileira e a autoestima do aluno negro. Assim, considerando o contexto apresentado, foi estabelecida a seguinte questão de pesquisa:

De que maneira o estudo da cultura africana e afrobrasileira com alunos entre 4 e 6 anos influencia na autoestima do aluno negro?

A partir dessa questão, identificam-se as seguintes questões específicas:

- De que forma a professora poderá contribuir para a construção da identidade de alunos negros na Educação Infantil?
- O estudo da cultura africana contribui para o fortalecimento da imagem positiva dos alunos negros na Educação Infantil?
- O estudo contribui também para uma mudança de conceitos de nossos alunos brancos na Educação Infantil?

Nesse contexto, parte-se da hipótese que o estudo da cultura africana e afrobrasileira na educação infantil, mais especificamente na faixa etária dos 4 aos 6 anos, influencia na autoestima do aluno negro.

Portanto esse projeto tem como objetivo geral discutir de que forma a aplicação da Lei 10.639/00 influencia na consciência da autoestima dos alunos negros de 4 a 6 anos da Escola Municipal de Educação Infantil Recanto do Filhote.

Desse objetivo geral, propõe-se os seguintes objetivos específicos:

- Relacionar maneiras que a professora poderá contribuir para a construção da identidade de alunos negros;
- Identificar como o estudo da cultura africana contribui para o fortalecimento da imagem positiva dos alunos negros;

- Explorar elementos para verificar se o estudo contribui também para uma mudança de conceitos de nossos alunos brancos:
- Ampliar a consciência de que forma a imagem do negro vem sendo construída em nossa escola.

2.4. Metodologia

Cada vez mais os pesquisadores em educação vêm utilizando as metodologias qualitativas. O grande interesse por esse tipo de pesquisa se justifica por cinco características básicas definidas por Bogdan e Biklen (1982):

- A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento;
- Os dados coletados são predominantemente descritivos;
- A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto;
- O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador.
- A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo.

Essa monografia é de caráter qualitativo. A metodologia utilizada é o estudo de caso. No estudo de caso, o objeto de pesquisa é analisado de forma bastante profunda. Essa forma de pesquisa tem como objetivo conhecer “como” e “porque”, trazendo evidências, uma investigação de uma situação específica, particular. O objetivo é descobrir a essência e as características dessa situação e não intervir nesta. A fundamentação teórica é muito importante para o estudo de caso, pois através da teoria que podemos analisar os dados coletados.

Yin (2001) traz como crítica ao estudo de caso a influência do investigador. Também afirma que essa metodologia fornece pouca base para generalizações científica e falta de rigor da pesquisa. Em contrapartida, o estudo de caso traz evidências para comprovação, uma vez que recolhemos e analisamos dados, dessa

forma tendo mais confiabilidade e validade. Ainda segundo Yin, o estudo de caso parte de um contexto teórico mas está aberto ao inesperado.

O estudo de caso em questão ocorreu na Escola Municipal de Educação Infantil Recanto do Filhote situada em Canoas, no Bairro Mathias Velho. Trata-se de uma comunidade carente, que mora na maioria dos casos em casas cedidas ou de aluguel, e tem como renda familiar no máximo três salários mínimos.

Os responsáveis possuem pouca escolaridade e trabalham, em grande parte, como faxineiras e auxiliares de serviços gerais. As crianças passam em média dez horas na escola com apenas dois alunos que optaram por meio turno, sendo todos os outros turno integral.

A coleta de dados foi feita com crianças com faixa de quatro a seis anos na turma de Maternal II. A turma é composta por quinze alunos, destes cinco são negros e outros dois possuem pele clara mas tem pais negros.

É uma turma muito agitada e com sérios problemas de limites. Ainda há alunos que não controlam esfínteres, dois alunos com problema de fala e um com problema neurológico. Eles têm um tempo de concentração muito curto para a idade, com frequência se distraem. Apresentam facilidade em dispersar-se. Interessam-se muito por atividades plásticas e possuem boa noção de manuseio de pincel, giz de cera, canetinhas. São crianças carinhosas e muito prestativas.

Visando explicitar quais foram os pressupostos que orientaram este trabalho, o próximo capítulo apresenta a fundamentação teórica.

3. COMPREENDENDO MELHOR O ASSUNTO ABORDADO

Nosso país em virtude de sua grande extensão e inúmeros povos colonizadores se constituiu em um país multicultural. Apesar das diferenças culturais visíveis de um estado a outro e muitas vezes entre municípios, ainda vivemos em uma sociedade preconceituosa e discriminatória.

Para iniciar esse trabalho, é importante construir uma base conceitual acerca dos assuntos que estão relacionados com o objetivo dessa pesquisa. Como forma de introduzir, apresento brevemente marcos legais sobre os negros no Brasil e, em seguida, discuto racismo e preconceito. Logo em seguida o foco é direcionado para a educação onde são analisadas as relações interraciais na escola e a proposta de aplicação da Lei 10.639/2000 analisando-a como suporte para o aumento da autoestima do aluno da educação infantil, especialmente o aluno negro, função primordial da lei enquanto proposta de educação antirracista.

3.1 Legislação acerca do tema

Talvez o primeiro marco legal que se tem notícia sobre a educação de negros seja a lei número 01, de 04 de janeiro de 1837, que assim determinava no seu artigo terceiro:

São proibidos de frequentar as escolas públicas:

§ 1º Todas as pessoas que padecem de moléstias contagiosas

§ 2º Os escravos e os pretos Africanos ainda que sejam livres ou libertos.

QUADRO 1: LEGISLAÇÃO ACERCA DO TEMA

LEGISLAÇÃO	ASSUNTO	DESTAQUE
Constituição Federal/1988	Art. 3º, inciso IV - Garante a promoção do bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Art. 5º, inciso 42 – Trata a prática do racismo como crime inafiançável e imprescritível.	Busca garantir o direito do negro de viver em sociedade, passando a perceber o racismo como crime.
Decreto 1.904/1996	Programa Nacional de Direitos Humanos que assegura a presença histórica das lutas dos negros na constituição do país.	Passa a considerar que o povo negro fez parte da construção do país, incluindo suas contribuições na história do Brasil.
Lei 9.394/1996	Inclui nos estudos curriculares o estudo da História e Cultura Afrobrasileira.	Institui que os estudos da cultura africana devem estar presentes no currículo escolar.

Lei 10.639/2000	Torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afrobrasileira	Busca, através do conhecimento da cultura negra, a diminuição do preconceito e mudança de percepção frente às particularidades do povo negro.
Parecer CNE CP 009/2001	Diretrizes para a formação de professores da Educação Básica em cursos de graduação.	Altera os cursos de Licenciatura, incluindo estudos sobre a cultura africana nos currículos.
Decreto 4.228/2002	Institui, no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa de Ações Afirmativas.	Debata formas de reparar as diferenças históricas de oportunidade entre negros e brancos.
Lei 10.639/2003	Altera a Lei 9.394/1996	Entre outras alterações, inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como "Dia da Consciência Negra".
CNE/CP 3/2004, aprovado em 10/03/2004	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afrobrasileira.	Organiza como esse estudo se dará nos currículos escolares.

Fonte: Elaboração própria

Embora ainda tenhamos muito presentes em nosso cotidiano situações de racismo, a legislação vigente é bem abrangente. As leis existem, mas não resolvem nem amenizam o problema se não se fazem cumprir.

Conforme Quadro I, destacamos registro na legislação brasileira relacionado à questão do respeito às diferenças étnicas na Constituição Federal 1988, em dois artigos bem específicos. Em seguida encontramos o Decreto 1.904/1996 do Programa Nacional de Direitos Humanos que assegura a presença histórica das lutas dos negros na constituição do país.

Existem leis anteriores, mas é notável que o debate sobre o racismo na escola tornou-se mais intenso entre os anos de 1999 e 2002, quando foram gerados vários projetos de leis que mais tarde foram aprovados. Por exemplo, no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa de Ações Afirmativas, conforme Decreto 4.228/2002.

Essa visão histórica sobre as bases legais relativas ao assunto mostram que houveram mudanças durante a caminhada do nosso país no combate à discriminação racial. Ao longo dos anos a visão da forma como tornar possível viver sem o preconceito foi mudando. Se num primeiro momento acredita-se que apenas instituindo a proibição do racismo e a punição garantiria o respeito, com o passar do tempo houve a percepção de que a necessidade de esclarecimento e informação, em políticas públicas que visam estudo e formação, mudando o foco.

Esse conjunto de leis e decretos e a evolução da sociedade em alguma medida contribuíram para a proposição da lei 10.639/2000, a qual torna obrigatório o ensino sobre a História e Cultura Afrobrasileira. Através do ensino da cultura africana e afrobrasileira em nossas escolas, a lei busca conhecimento que gere respeito à diversidade e em especial a valorização do negro e diminuição das atitudes discriminatórias. Resgatar, através de pesquisas na história e na atualidade, as contribuições do negro em nossa sociedade, elevar a auto-estima dos nossos alunos negros mostrando-lhes que são capazes independente de sua raça e buscar sua valorização.

3.2 Conceitos de raça e racismo:

O Quadro 2 a seguir sintetiza os principais conceitos acerca do tema da pesquisa e a concepção de alguns autores sobre estes.

QUADRO 2: CONCEITOS ACERCA DO TEMA

DIMENSÃO	DESCRIÇÃO
<p style="text-align: center;">RAÇA (SCHWARCZ, 2001)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O conceito de raça é muito mais cultural do que biológico. • O caráter biológico tem efeito apenas relativo • Seu sentido é diverso de lugar para lugar. • Raça não é uma realidade ideológica, mas uma construção, muitas vezes perversa, porque leva a um campo de hierarquização. • É uma construção social, assim como a identidade.
<p style="text-align: center;">RACISMO (SCHWARCZ, 2001)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • É sempre deletério, uma perversão. • Não há nada de natural no racismo, que é uma construção cultural nascida das profundas diferenças sociais que nos dividem.
<p style="text-align: center;">EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA (CAVALLEIRO, 2001)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Não desprezar a diversidade presente no ambiente escolar: utilizá-la para promover a igualdade, encorajando a participação de todos os alunos. • Ensinar às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira. • Buscar materiais que contribuam para a eliminação do “eurocentrismo” dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de “assuntos negros”. • Pensar meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial. • Elaborar ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados.

<p>RELAÇÕES INTERRACIAIS NA ESCOLA</p> <p>(SILVA Jr., 2002)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O silêncio ganha significados ambíguos e se estabelece em relação apenas a uma das partes da relação • O silêncio dos professores diante da discriminação afirma a diferença e a exclusão
--	--

Fonte: Elaboração própria

Para iniciarmos uma discussão sobre diversidade e discriminação no Brasil, é fundamental trabalharmos alguns conceitos. Para a antropóloga Lilia Moritz Schwarcz (2001), o conceito de raça vai além do caráter biológico, está ligado a questão cultural. Dessa forma, raça é uma construção social, assim como a identidade. Uma pessoa se define a partir das relações, tornando assim diversificado de um lugar para outro, dependendo das crenças acerca da diversidade em que o indivíduo está inserido. Raça não é uma realidade ideológica, mas uma construção muitas vezes cruel por levar à hierarquização.

Essa hierarquização é que nos leva a refletir sobre o próximo conceito: racismo. Schwarcz (2001) defende que não há nada de natural no racismo, que é uma construção cultural nascida das profundas diferenças sociais que nos dividem. O racismo é uma perversão. Ao longo da história, o processo de colonização levou à hierarquização em que alguns grupos foram postos como inferiores, gerando o racismo.

A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso, mais as necessidades econômicas de exploração, predisuseram o espírito europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. O negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica (MUNANGA, 1986, p. 9).

É nossa responsabilidade, como educadores, promover ações que efetivem uma educação antirracista e possibilitem o fortalecimento da autoestima dos alunos pertencentes a grupos discriminados, combatendo o mito citado na Primeira Declaração sobre Raça da Unesco (1950): “Raça é menos um fato biológico que um mito social e, como mito, causou severas perdas de vidas humanas e muito sofrimento em anos recentes”.

3.3 Relações étnico raciais na educação infantil

As escolas de Educação Infantil atendem alunos de zero a seis anos de idade. Essa sociedade multicultural, que possui diferentes formas de ver e pensar o mundo se reflete em nossos alunos de Educação Infantil. As relações sociais demarcadas pela discriminação que ratifica a hegemonia e recusa o inferior, na hierarquia das raças constituída ao longo da história do nosso país, está presente nas salas de aula de nossas escolas.

O aluno negro desde cedo é discriminado em suas relações escolares em virtude de sua cor de pele, tipo de cabelo, formato do nariz. É comum percebermos em nossas turmas apelidos pejorativos relacionados a tais características físicas. É importante ressaltar que nessa idade os alunos, em suas brincadeiras, costumam reproduzir atitudes dos adultos. Assim, trazem para o âmbito escolar os valores e (pré)conceitos do seu grupo familiar e outras esferas da sociedade. Nesse sentido, diversas vezes a escola falha, não levando em consideração toda a formação do indivíduo em suas relações familiares, como afirma Freire a escola peca ao desconsiderar o que o aluno traz quando chega à escola, dessa forma agindo como se antes dela não tivesse nada.

Através da socialização, entra o papel fundamental do educador como agente de transformação dessa realidade que aí está posta. Não há inclusão do aluno negro quando este não se “vê” nas práticas pedagógicas. A ausência da figura do negro em atividades cotidianas como brinquedos infantis (bonecas, instrumentos de percussão) leituras de imagens, personagens de livros de histórias, e a negação de toda a cultura africana e afrobrasileira que constitui a cultura brasileira, faz com que o aluno negro não se identifique. Buscar materiais e brinquedos que contribuam para a eliminação do “eurocentrismo” dos currículos e práticas escolares, que contemplem a diversidade racial e o estudo dos “assuntos negros”. Segundo Pare (2000): “O processo de baixa autoestima no aluno negro provém do ambiente sócio histórico, reforçado pelas ações da escola sobre esse sujeito considerado ‘inadequado’ (...)”. Afirmando dessa forma, que o ambiente sócio histórico do aluno, somado às ações da escola sobre o aluno negro, visto como inadequado, reforçam o processo de baixa autoestima desses alunos.

Eliane Cavalleiro (2001) fala sobre uma educação antirracista, que não despreze a diversidade presente no ambiente escolar. Devemos fazer proveito dessa diversidade para promover a igualdade, encorajando a participação de todos os alunos. A visão do professor mostra-se fundamental para essa construção, ensinando as crianças uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira. O professor precisa pensar formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial, elaborando ações que possibilitem o fortalecimento da autoestima dos alunos negros.

3.4 Autoestima do aluno negro

Falar em autoestima envolve muito mais do que “se gostar”, está diretamente ligado com as relações entre o indivíduo e o mundo que o cerca. A pedagoga Jeruse Romão (2001) afirma que é importante considerar que ter autoestima elevada ou baixa autoestima está relacionado com a sua história, seja ela de vida ou social, individual ou coletiva. Pensando na posição ocupada hoje pelos nossos alunos negros na sociedade, Petronilha (2002) diz que:

Uma das razões para a evasão é que as famílias precisam de que os filhos ajudem no orçamento, e muitas crianças negras têm de começar a trabalhar. Além disso, inúmeros estudos têm mostrado que o racismo expulsa a criança da escola. Petronilha – 2002

Para que o aluno negro se veja de maneira positiva é fundamental o autorreconhecimento como ser histórico e social que se (re) constrói na convivência com o outro e o conhecimento de sua origem e suas raízes. É preciso que nossos alunos não se envergonhem de sua identidade, o que pode ser trabalhado através da valorização do povo negro nas práticas pedagógicas, na apresentação do negro também como personalidade positiva, oportunizando brinquedos que incluam o negro em sala de aula que o aluno irá construindo uma imagem positiva do povo negro e, por consequência, de si próprio.

Trabalhar as raízes do povo negro com alunos de educação infantil, compreendendo os alunos como indivíduos pertencentes à culturas coletivas,

fortalece a idéia de que a autoestima não é inerente à personalidade, mas resultado das relações sociais e históricas. Além disso, colabora para a desconstrução do universo racista instaurado na escola e minimiza as desigualdades sociais, valorizando o pluralismo cultural. Modificar o currículo, não apenas auxiliando na autoestima do aluno negro, mas na autoestima dos alunos no geral, não importando seu pertencimento racial. A construção de um currículo e uma prática democrática pressupõe o compromisso de todos os envolvidos no processo educativo. Segundo Freire:

[...] O compromisso, próprio da existência humana, só existe no engajamento com a realidade, de cujas “águas” os homens verdadeiramente comprometidos ficam “molhados”, ensopados. Somente assim o compromisso é verdadeiro. Ao experienciá-lo, num ato que necessariamente é corajoso, decidido e consciente, os homens já não se dizem neutros. A neutralidade frente ao mundo, frente ao histórico, frente aos valores, reflete o medo que se tem de revelar compromissos. Este medo quase sempre resulta de em um compromisso contra os homens, contra sua humanização, por parte dos que se dizem neutros. Estão “comprometidos” consigo mesmos, com seus interesses ou com os interesses dos grupos aos quais pertencem. E como este não é um compromisso verdadeiro, assumem a neutralidade impossível. (Freire, 1985, p.19)

Porém, o que ainda está muito forte em nosso currículo escolar, no cotidiano com a mídia através das novelas, na imprensa através de propagandas e nas histórias infantis é a imagem do negro associada a atividades de pouco prestígio, ao passo que a imagem do branco de olhos azuis e cabelos lisos aparece em grande parte relacionada ao sucesso pessoal e profissional. Pensando em autoestima, temos uma grande preocupação: de que forma a construção da autoestima do aluno negro se dará, visto que a autoestima está relacionada com o a imagem e o conceito que o indivíduo tem de si próprio.

A questão racial não é exclusiva dos negros. Ela é da população brasileira. Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que ele deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditados e outros gestos influem na educação. (Petronilha, 2002,)

3.5 O papel do educador numa educação antirracista

Uma prática pedagógica que contribua efetivamente para uma educação antirracista necessita primordialmente perceber a existência da discriminação racial na sala de aula. Porém, não é suficiente reconhecer o problema, precisamos buscar com nossos alunos refletir de forma a extinguir as atitudes preconceituosas nesse espaço escolar.

Somente a partir destas reflexões podemos planejar e desenvolver atividades educativas que favorecessem o reconhecimento positivo da diversidade racial e qualifiquem as relações interpessoais entre adultos e crianças, negras e brancas, tornando-as mais respeitadas, contribuindo desta forma para a autoestima do aluno negro.

4. REFLETINDO SOBRE AS AÇÕES

Buscando o cumprimento da Lei 10.639/2000 e visando o aumento da autoestima dos alunos negros da Escola Municipal de Educação Infantil Recanto do Filhote, desenvolvi projeto Convivendo com a Diversidade. Por se tratar de crianças pequenas, iniciei trabalhando a identidade de cada criança, passando a uma percepção de família onde foram desafiados a perceber as semelhanças entre si e seus parentes próximos para só então ingressar na questão racial, foco do trabalho. Foi necessária essa introdução para que os alunos pudessem compreender que a raça está diretamente ligada à nossa história.

Em seguida passamos a trabalhar a cultura africana, dessa forma os alunos negros puderam se apropriar de conhecimentos acerca de sua própria cultura e história, sob um olhar de valorização e livre de preconceitos. Utilizando, dessa forma, informação como aliada à construção da imagem positiva visando o fortalecimento da autoestima do aluno negro.

A seguir, apresento reflexão sobre essa trajetória percorrida com os alunos.

4.1 PROFESSORA NEGRA: Ter / Ser

Durante a pesquisa um dos aspectos que mais surpreendeu foram os relatos de alguns familiares e educadores negros, através de conversas informais, sobre situações de preconceito e racismo que vivenciaram enquanto estavam no lugar de alunos, ainda crianças e adolescentes, situações que muitas vezes não eram explícitas verbalmente, mas que silenciosamente as agrediam e as faziam sentir-se inferiores, diferentes.

Em uma dessas conversas informais, a professora P1 falou sobre isso: *“Estudei em uma escola particular onde todos os alunos e professores eram brancos. Eu era a única aluna negra. Ninguém me tratava mal ou me discriminava diretamente, mas eu me sentia diferente. Quando tive uma professora negra eu me identifiquei, não tinha mais o sentimento de ser diferente de todos.”*

Esta fala ressalta a importância da escola tratar com responsabilidade e respeito o tema do racismo, pois apenas repudiar e inibir práticas de racismo explícitas como xingamentos e exclusões não garantem uma educação antirracista, pois o silêncio pode ter efeitos tão ou mais severos quanto os de uma agressão verbal ou física. Além disso é importante ressaltar a dificuldade em combater o silêncio, pois as atitudes discriminatórias explícitas (em forma de fala, por exemplo) podem ser punidas legalmente. Por outro lado, combater sentimentos que silenciosamente são demonstrados, de forma velada, muitas vezes impossibilita reação e punição.

Destaco ainda a importância que percebemos em uma educadora negra que valorize e respeite a própria identidade e como isso pode influenciar positivamente tanto a formação da identidade dos alunos negros como as relações interraciais na escola.

Na opinião dessa educadora, ser uma educadora negra que não tem vergonha da sua identidade influenciou visivelmente na autoestima dos seus alunos negros e na construção da identidade destes, possibilitando o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas que antes discriminavam e eram discriminados.

Relatos de negros sobre experiências de racismo e preconceito, fizeram pensar em quantos dos nossos alunos passaram ou passam por situações semelhantes e permanecem calados por não terem espaço para falar. Isso nos mostra que no Brasil, apesar de possuir uma população que é em sua maioria negra ou afrodescendente, o racismo é ainda uma prática muito freqüente.

4.2 SER NEGRO: Aceitação X Negação

Falar em autoestima envolve muito mais do que “se gostar”, está diretamente ligado com a história do indivíduo, seja social, individual ou coletiva. Partindo desse pressuposto, trabalhar as raízes do povo negro com alunos de educação infantil, compreendendo os alunos como indivíduos pertencentes à culturas coletivas, fortalece a idéia de que a autoestima não é inerente à personalidade, mas resultado das relações sociais e históricas.

Inicialmente realizamos algumas brincadeiras em que os alunos deveriam procurar círculos de EVA que tivessem a cor mais próxima da sua pele. Eles deveriam comparar a tonalidade da peça e dizer qual a cor da sua pele. Muitos alunos não se reconhecem como negros, com pele escura. Uma menina negra pegou um círculo amarelo. Os colegas gritavam: *“Ta errado! Ta errado!”* E ela respondeu: *“Eu quero esse!”*. O que poderíamos ver como uma mera escolha, muitas vezes demonstra através dessa fala, a negação da sua cor de pele. Os alunos, mesmo muito pequenos, já percebem quando são discriminados por sua cor de pele, tamanho do nariz, características do cabelo. Não que tenham a noção do que isso significa em nossa sociedade e do que isso significará ao longo da sua trajetória de negro em nosso país, mas já conseguem perceber que é diferente ser negro ou branco. Importante lembrar que a autoestima não se constitui apenas do olhar do indivíduo em relação a si próprio, mas também com a relação do olhar do outro. O que esse aluno fará com a informação de “ser diferente” será determinante para sua autoestima, pois ele precisa compreender que ser diferente não está ligado necessariamente a ser melhor ou pior.

Nos momentos de rodinha, em que os alunos eram incentivados a falar, diversas vezes quando questionados em grupo sobre quem era negro ou quem tinha parentes negros, muitos omitiam ou não falavam sobre a sua raça. Dificilmente assumiam sua negritude levantando o dedo. Em um desses momentos uma colega disse *“A Maria é nega e não levantou a mão”* e a referida menina respondeu rapidamente *“Deixa!”*. Quando essas situações acontecem em nossa sala de aula, diversas vezes imaginamos que a aluna não prestou atenção no que foi dito. É importante estar atendo ao que as falas podem significar no contexto da sala de aula.

Algumas crianças não sofrem caladas com as atitudes discriminatórias, especialmente aquelas em que as famílias também tem a questão racial resolvida e assumem com orgulho sua cor. Normalmente essas crianças apresentam respostas prontas, ouvidas em casa e que demonstram tal atitude familiar. Por outro lado, ainda estão presentes em nossas salas de aula, aqueles que tem autoestima tão baixa que preferem negar sua origem, sua raça a enfrentar as brincadeiras e atitudes de exclusão.

Diversas atividades com imagens foram realizadas. As atividades de busca trazem claramente o que chamamos de “cultura eurocêntrica”, que supervaloriza tudo que é advindo desse continente e subestima o que vem dos demais. Quando levados a recortar pessoas livremente, os alunos comumente buscam figuras de mulheres loiras e homens brancos. Nem mesmo os alunos negros procuram alguém que se pareça consigo. Quando questionados sobre o motivo de terem escolhido aquelas figuras, respondiam com frases como “são as mais bonitas”, ou “eu queria/vou ser assim”. Acredito que essa atividade está muito ligada à autoestima. Passo então a refletir sobre a seguinte questão: se uma aluna negra acredita que ser bonita é ser loira, rica, alta, etc, como poderá ter uma autoimagem positiva a medida que o que enxerga no espelho não condiz com seu parâmetro de beleza?

É notável que essa visão está presente na vida dos nossos alunos, mas nesse sentido a educação infantil tem um grande trunfo: nossos alunos passam muito tempo em nossas escolas. O tempo em que estão sob nossos cuidados são essenciais para uma construção mais crítica dos seus parâmetros de beleza. A idéia é que, se dentro da escola em que passam em média dez horas por dia a diversidade é apresentada como diferentes formas de beleza, mesmo que em casa eles não tenham essa realidade, poderemos sim ir trabalhando para que o aluno reflita sobre os padrões de beleza impostos pela sociedade hoje.

Direcionando essa reflexão para o trabalho com o aluno negro, um trabalho que incentive que possam conseguir enxergar beleza na cor da pele, nos cabelos crespos e no formato diferenciado do nariz dos modelos fotográficos negros de revistas é também enxergar beleza em si próprio, uma vez que essas são as suas próprias características.

4.3 A família e a relação com a Etnia

Como citado anteriormente, aqueles alunos cujas famílias tem a questão racial resolvida e assumem-se com orgulho de sua cor apresentam uma postura positiva quando tratadas com discriminação. Já aqueles que não tem esse diálogo

no âmbito familiar ou ainda que na própria família são alvo de brincadeiras pejorativas em relação à sua raça, mostram-se com autoestima baixa, preferem negar sua origem.

A postura da família do aluno branco também é fundamental na construção da imagem do negro. Essa postura frente à diversidade é marcante na construção, pois alunos cujos pais vêem o colega negro como inferior passará a perceber seu colega também dessa forma. A maneira como será trabalhado pelo educador e suas falas acerca do assunto contribuirão muito para uma mudança de postura desse aluno que traz de seu ambiente extraescolar uma postura discriminatória. Para tal, o olhar do educador em sala de aula é de suma importância. É fundamental que o educador veja, ouça e perceba o preconceito entre os alunos, para poder além de coibi-lo, trabalhar as questões como forma de valorizar o povo negro.

A valorização dos seus pares contribui para que o aluno negro perceba, desde pequeno, que ser diferente não significa ser inferior. A diferença pode classificar os indivíduos em raças, porém não deve estar ligada a uma hierarquização destas, colocando algumas como mais importantes que outras.

Realizamos uma atividade em que foram disponibilizados aos alunos diversos recortes de pessoas. Mesmo com bastante dificuldade em encontrar em revistas e encartes pessoas negras, foram compradas revistas específicas (Raça) para que os alunos tivessem gravuras de negros como opção. Com essas gravuras, os alunos deveriam formar a sua família. Chamou muito a minha atenção que uma das alunas escolheu apenas pessoas claras (brancas) para compor sua família, mesmo seu pai sendo negro. Após a montagem das “fotos de família” (como chamamos a atividade), cada um apresentou seus familiares aos colegas, e ela apontou para o branco dizendo ser seu pai. Nenhum colega questionou. Perguntei se ele se parecia com o pai dela e ela riu e respondeu: “*mais ou menos*”, mas não soube responder em que se diferenciava. Essa é uma situação que pode passar despercebida, mas que pode também gerar um momento de reflexão por parte desse aluno. Mesmo que a aluna não tenha trocado sua gravura ou chegado a verbalizar que seu pai era negro e o recorte que o representava era o de um homem branco, no momento em

que ela fala que é “mais ou menos parecido” pode-se ter certeza de que há uma reflexão sobre sua escolha. A não aceitação de seu pai como negro também influenciará na construção da sua autoestima, visto que essa é fruto das nossas relações sociais e históricas: negar seu parentesco negro é negar parte de sua história.

4.4 Trazendo a cultura do povo negro para a sala de aula

Um dos recursos para inserir a questão da negritude nas nossas aulas é trazendo diversas histórias em que os personagens principais sejam negros. No caso deste trabalho, as histórias utilizadas são as apresentadas no quadro 3.

Quadro 3: Literatura

Referência Bibliográfica	Breve comentário
<p><i>MACHADO, Ana Maria. Menina Bonita do Laço de Fita. São Paulo: Melhoramentos 1986. São Paulo: Ática, 1998.</i></p>	<p>História mais conhecida, presente em grande parte de nossas bibliotecas, o livro trata da hereditariedade das características. Sua escrita em formato repetitivo traz a frase “Menina bonita do laço de fita, qual seu segredo para ser tão pretinha?” diversas vezes, lembrando frases clássicas da literatura infantil como “espelho, espelho meu”.</p> <p>O assunto abordado a partir do livro foi o pertencimento ao grupo familiar, para que as crianças pudessem refletir sobre suas características físicas e encontrá-las em seus parentes próximos.</p>
	<p>Para falar de um assunto complicado mas</p>

<p>ALCANTARA, Ivan. Todo mundo é igual. São Paulo: Escala Educacional, 2004</p>	<p>fundamental como o racismo, nada melhor que fazer com uma linguagem leve e instigante, capaz de fazer uma criança refletir sobre a igualdade dos seres humanos e o que é um absurdo mesmo velada: a prática do racismo. Ao longo do texto, mostra as diferentes características humanas, trazendo benefícios de forma alegre o que comumente é visto pelas crianças como defeito.</p> <p>A idéia principal de trabalhar essa história foi a reflexão sobre as diferenças como características e não como defeito.</p>
<p>ROCHA, Ruth. Bom dia, todas as cores! São Paulo: Quinteto Editorial, 1998</p>	<p>Neste livro Camaleão acordou muito feliz, e mudou sua cor para rosa, a cor que ele achava a mais bonita. Durante um passeio encontrou vários de seus amiguinhos e cada um sugeria uma cor diferente para ele usar. Ele concordava e mudava sua cor, mas acabou ficando muito cansado. Ele percebeu então, que não conseguiria agradar a todos todo o tempo, no dia seguinte ele usou só cor-de-rosa.</p> <p>História que introduziu a questão da cor, do ser diferente.</p>
<p>SUNNY, Sunday Ikechukwu Nkeechi. Ulloma, a casa da beleza e outros contos. Paulinas, 1998.</p>	<p>Uma homenagem do autor nigeriano que traz em seu livro diversas lendas africanas. É um convite ao resgate de elementos importantes da história e da cultura africanas, componentes de nossa formação cultural, valorizando a mãe África, berço da humanidade. Utilizei em meu estágio para que as crianças pudessem perceber que</p>

	<p>existem diferentes tipos de mãe.</p> <p>O livro traz características de personalidade de duas mães muito diferentes, mostrando que cada mãe ama seus filhos à sua forma.</p>
<p>SUNNY, Sunday Ikechukwu Nkeechi. Ulloma, a casa da beleza e outros contos. Paulinas, 1998.</p>	<p>Conto africano que se assemelha muito com a história “Festa no Céu”, que explica às crianças o motivo da tartaruga ter seu casco remendado.</p> <p>Esse conto iniciou com as crianças a conversa sobre a religiosidade.</p>
<p>SANTOS, José Rufino dos Santos. A botija de ouro. São Paulo: Ática, 2000.</p>	<p>Uma jovem escrava sem nome é continuamente maltratada por um fazendeiro avarento. O que poderia livrá-la dessa condição?</p> <p>A história gera o questionamento sobre a escravidão, nesse livro o sentimento de não pertencimento (a ausência inclusive de um nome) do negro escravo fica bem evidente para as crianças.</p>
<p>GOMES, Nilma Lino. Betina. Belo Horizonte: Mazza Eduções,</p>	<p>Sobre a cabeça que pensa e recorda nada melhor que colocar tranças. O penteado requer mãos habilidosas e uma grande alegria de reafirmar valores ancestrais. Com esses elementos, é possível entrelaçar cabelos e aproximar cabeças que pensando juntas pensam muito melhor. A lição do penteado, Betina aprendeu da amorosa avó e a avó aprendeu com a mãe dela que aprendeu com outra mãe que tinha aprendido com uma tia. Só que Betina foi além e espalhou a lição para filhas e filhos, mães e avós que não eram os dela. Mas como ela</p>

	<p>conseguiu socializar beleza e conhecimento para tanta gente? Ela abriu um salão de beleza diferente e ficou conhecida em vários lugares do país.</p> <p>Esse foi o início de um trabalho de conhecimento e valorização do cabelo afro, que culminou com uma oficina de tranças.</p>
<p>ANDREAE, Giles. <i>As girafas não sabem dançar</i>. Companhia das Letras, 2009.</p>	<p>Geraldo é uma girafa muito desengonçada. Se tenta correr, troca as pernas e se estatela no chão. Mas coragem é o que não lhe falta. Tanto que resolveu ir ao baile anual da selva. Na festa, os bichos dançam todo tipo de música. E todo mundo na África está cansado de saber que girafas não sabem dançar. Todo mundo, inclusive o Geraldo. Pois não é que, mesmo assim, ele respirou fundo e, aos tropeções, dirigiu-se para a pista de dança? Geraldo foi capaz de uma proeza que deixou a selva inteira de boca aberta.</p> <p>Além de trabalhar os animais da África, foi possível trabalhar a musicalidade, expressão corporal e particularidades de cada um (cada um faz as coisas do seu jeito).</p>

Fonte: Elaboração própria

Durante as contações de histórias em alguns momentos percebemos uma inversão de situações habitualmente vividas por nós. As crianças nessa faixa etária tem o costume de dizer que são o personagem da história. No dia da história da Menina bonita do laço de fita, uma aluna branca disse: “*Eu sou a menina*” e um dos colegas respondeu: “*Mas tu não tem a pele preta*”. Achei interessante eles relacionarem a cor da pele, pois como já citado, houveram atividades em que alguns não fizeram essa relação.

Essas situações em que uma criança branca se coloca no lugar da personagem negra não me levam a pensar que a menina queira ser negra, mas

demonstra que a personagem pode ser vista por essa criança independente de sua cor. Esse é o objetivo! Algumas pessoas pensam que a lei tem como objetivo é colocar a raça negra a ser vista como superior, mas ao contrário, o objetivo é reparar a visão errônea que aí está e conseguir fazer com que o negro não seja visto como inferior. Trabalhar a questão da diversidade, nem melhor e nem pior, apenas como diferente.

Mesmo com inúmeras atividades que trouxeram a reflexão, a valorização ao povo negro, ao final do estágio, quando a turma do jardim estava ensaiando a peça “O carteiro chegou”, quando a professora escolheu uma aluna negra para ser a Cinderela, as meninas não aceitaram a idéia, dizendo que não poderia ser. Essa fala me fez pensar se é suficiente o trabalho com as crianças sobre a cultura africana para que se modifique a visão, porém o fato de a menina não questionar ser colocada nesse papel me faz acreditar que para a autoestima dela deve ter feito a diferença. Também percebi que é preciso trabalhar isso ao longo dos anos, como prevê a lei, pois dessa forma essas situações acontecerão com tanta frequência que passarão a fazer parte da rotina.

Trazendo a história do povo negro e as contribuições na cultura através da culinária, instrumentos, penteados, etc, inicia-se um trabalho de conscientização do que é “ser negro”. Em nossas escolas, os negros entraram na história desde seu início como personagens secundários, pouco lembrados, pouco citados. Com o auxílio do globo terrestre e do mapa mundi as crianças conheceram o caminho percorrido pelos escravos no navio negreiro, o que pode ser visto na figura 1.



Figura 1
O caminho dos navios negreiros

Ao apresentar a obra de arte “Negros no fundo do Porão” de Johann Moritz Rugendas (1835), ilustrado na Figura 2, as crianças comentavam: “coitados, estão com dor”. Talvez a fala não expresse total noção do marco histórico para o povo negro quando foi comercializado, mas podemos concluir que eles compreenderam que sua vinda foi forçada e que não estavam felizes.

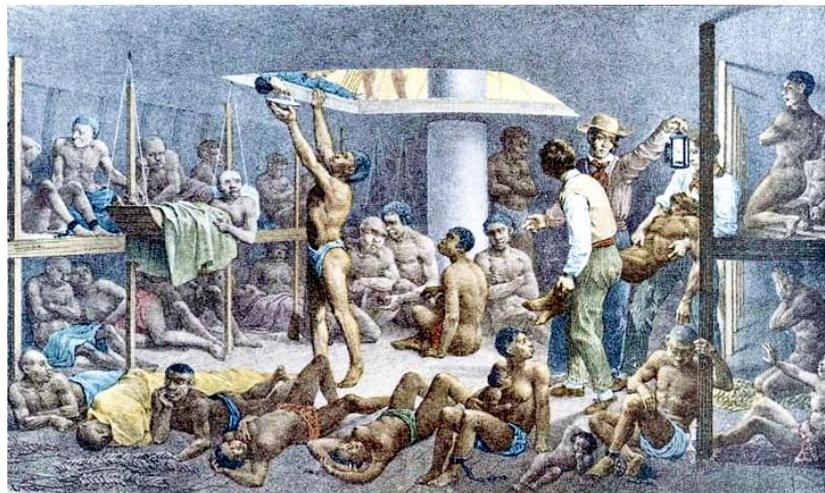


Figura 2
Negros no fundo do Porão

É importante que o aluno desde cedo passe a compreender a história do nosso país com esse olhar crítico. Não temos como foco apresentar o negro como coitadinho, porém ter a consciência de como vieram introduz os assuntos

relacionados às diferenças físicas dos negros. Durante as rodinhas fui conversando sobre essas características como, por exemplo, a cavidade nasal ser grande, explicando que na África o calor é mais intenso e o ar circula dentro do nariz antes de entrar no corpo e ficar com temperatura mais adequada para o aparelho respiratório. Além dos conhecimentos gerais, essas informações trazem justificativas para o que é visto como defeito, fazendo compreender que as diferenças tem sua razão de ser.

Após a leitura do livro *Betina*, que fala da tradição de uma família na arte de trançar os cabelos, foram trazidas imagens de diversas tranças afro para os alunos conhecerem. Após recebermos duas meninas da comunidade que fizeram nos cabelos das alunas, trancinhas. Na oficina de tranças, conversamos sobre o tipo de cabelo do povo negro, explicando que é grosso para proteger o couro cabeludo do sol intenso da África. Também foram trazidas imagens de diversas tranças e penteados africanos. Foi realizada a oficina de tranças, conforme figura 3:



Figura 3
Fazendo as traças

Este foi o momento de colocar-se no lugar do outro, quando senti na pele por um momento o que significa a palavra discriminação. Quando aicineira foi fazer trança no meu cabelo, ela disse a seguinte frase: *“Bah, teu cabelo não dá! É ruim!”*. Quantas vezes não falamos ou pensamos isso? Eu com o cabelo lisinho e ela chamando de ruim. Sim, para trancinhas meu cabelo é ruim: escorrega, espeta, fica arrepiado, é oleoso. Depende do que se pretende com o cabelo para saber se ele é BOM ou RUIM. Mas o resultado foi ótimo, como pode ser visto na figura 4.



Figura 4
Oficineiras e meninas trançadas

A culinária também entrou no projeto trabalhando o valor civilizatório do alimento da cultura africana. Apesar de sua condição inicial de escravo, sem direitos e com sua cultura desprezada pelos brancos, os negros conseguiram se adaptar às condições de vida a que eram submetidos, formando e transformando pratos de diferentes culturas, graças a sua imaginação, através da combinação de diferentes ingredientes. Trouxemos para a sala de aula a preparação e consumo do Mugunzá, um prato elaborado com canjica branca. Inicialmente os alunos foram até o supermercado comprar os ingredientes. Ao retornar à escola fizeram o prato, conforme ilustrada na figura 5.



Figura 5
Culinária Africana: Mugunzá

Com o auxílio das embalagens criamos um cartaz com a receita, que pode ser visto na figura 6. Levamos à cozinha para as cozinheiras nos ajudarem por se tratar de um local perigoso e as crianças comeram o doce após o jantar. Aos poucos os alunos passam a enxergar a influência dos negros em suas rotinas, já que o consumo de canjica é bastante comum.



Figura 6
Receita de rótulos

Na roda de capoeira as crianças puderam conhecer os instrumentos, ouvir músicas de capoeira e experimentar alguns movimentos, como podemos visualizar na figura 7. Dessa forma, trouxemos duas fortes contribuições dos negros para a cultura brasileira: os instrumentos e a dança. Na educação infantil a musicalidade é muito presente e o manuseio dos instrumentos trouxe muita satisfação aos pequenos.



Figura 7
Aprendendo movimentos de capoeira

Os ensaios de movimentos e o momento da roda no pátio trouxeram empolgação, já que a exploração corporal é do agrado dos pequenos. Construímos juntos os caxixis, conforme ilustrado na figura 8, uma espécie de chocalho, que foram muito valorizados pelos alunos. Sempre que podiam, solicitavam tocar caxixi.



Figura 8
Construção do Caxixi

Quando foi apresentado o agogô, momento ilustrado na figura 9, um dos alunos disse: “lá na terra tinha um igual”. Essa fala é muito importante pois na maior parte dos casos as crianças envergonham-se em falar sobre as religiões de matriz africana, e o menino demonstrou estar se sentindo inserido e valorizado quando sua religião consegue estar em conversas na sala de aula.



Figura 9
Conhecendo os instrumentos

A atividade da Roda de Capoeira (figura 10) foi realizada no pátio e trouxe grande satisfação por parte dos alunos, professoras e demais funcionários da escola. Todos quiseram participar de alguma forma: tocando instrumentos, jogando no centro, batendo palmas ou apenas assistindo.



Figura 10
Roda de Capoeira

Após trabalhar muitas semanas a cultura africana através da culinária, instrumentos, história do povo e histórias infantis os alunos assistiram o filme Kiriku e a Feiticeira. Esse filme traz todas as características do continente africano, e fala de um menino que luta pelo seu povo. Ao longo do projeto íamos incluindo em um varal fotos de nossas aprendizagens. O varal ficava no lado de fora da sala para que os pais soubessem o que estava sendo trabalhado. Os alunos então foram desafiados a procurar no filme, “coisas do varal”.

No filme puderam observar, além de diversos itens do varal (clima, vegetação, animais, etc.), diferenças entre nossa cultura e a do povo africano, onde a religiosidade é a base da cultura. Na rodinha após o filme, fomos juntos descobrindo relações entre os temas abordados em sala e o que assistimos no filme. Uma fala significativa desse momento: *“Ele era um menino corajoso e guerreiro que nem os negros dos barcos”* referindo-se aos negros dos navios negreiros.

Convidamos para visitar a nossa escola o babalorixá Paulinho de Odé que trabalha junto a Secretaria de Educação na Diretoria de Educação Continuada e Diversidade para falar sobre a religiosidade africana. Durante a palestra sobre as religiões de matriz africana ilustrada na figura 11, foi prazeroso perceber o rompimento de alguns preconceitos. Negro, vestido com roupas de religião e sua presença do palestrante não causou estranheza aos pequenos. Eles perguntaram sobre as roupas e guias no pescoço, mas as perguntas foram ingênuas e livres de preconceito: *“por que tu usas?”* *“pra que serve?”*, *“quem é que te deu?”* Alguns alunos passaram a falar sobre a sua religião, de matriz africana, ainda hoje muito discriminada pela nossa sociedade.



Figura 11
Visita de Paulinho de Odé

Esse momento aconteceu próximo ao final do projeto, e foi muito prazeroso para mim quando o palestrante perguntou aos alunos quem era descendente de negros, havia um número significativo de alunos falando sobre as suas raízes africanas com orgulho. Diferente dos primeiros dias em que poucos se assumiam como negros ou assumiam parentesco com negros. Os alunos encontram na escola,

um espaço de diálogo e respeito às diferenças. Nesse momento o pluralismo cultural contribui não apenas para que o meu aluno negro tenha elevada a sua autoestima, mas que com a presença da sua religião todos os alunos possam ter esse sentimento de pertencimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O preconceito está presente na sociedade brasileira, de forma implícita ou explícita, provocando frequentes episódios discriminatórios e constrangedores. A história do nosso país mostra que há tempos são criadas leis na busca da igualdade racial. É importante estarmos atentos que, se estão sendo criadas leis que assegurem nos currículos escolares, a presença de temas voltados para a diminuição do preconceito e discriminação, é porque de fato a sociedade reconhece a existência da discriminação.

Durante essa pesquisa, o foco foi mais específico na Lei 10.639/2000, que trata da obrigatoriedade da inclusão da cultura afrobrasileira e africana nos currículos escolares. A pergunta norteadora desse trabalho de conclusão foi: “De que maneira o estudo da cultura africana e afrobrasileira com alunos entre 4 e 6 anos influencia na autoestima do aluno negro?”, em que fui trabalhando a hipótese de que o estudo da cultura contribui com a autoestima, baseada que a informação sobre as contribuições do povo negro e o estudo da cultura africana valorizam o negro, com o autorreconhecimento como ser histórico e social que se (re) constrói na convivência com o outro e o conhecimento de sua origem e suas raízes.

Ao longo do estudo de caso, a hipótese de que existe sim uma contribuição foi sendo reforçada através das falas dos alunos, da postura frente ao que estava sendo estudado. Os alunos negros e afrodescendentes passaram a falar sobre a sua negritude sem constrangimento e com orgulho.

Refletindo sobre o papel do educador nessa construção, é importante termos consciência da nossa responsabilidade como educadores, promover não apenas o debate sobre estas questões, mas principalmente ações que efetivem uma educação antirracista. Para isso é fundamental que a cultura e a história destes grupos historicamente discriminados e excluídos estejam presentes no currículo, não como data comemorativa, mas como parte importante da construção da nossa história e do nosso povo. O educador deve ainda estar sempre atento às atitudes

discriminatórias nas relações interpessoais na escola, não apenas buscando inibir tal postura, mas no intuito de promover ações que efetivem uma educação antirracista e que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas negros.

Enquanto educadora acredito que a escolarização e o acultramento sempre contribuem para revisão de conceitos. A informação é sempre uma forte aliada na busca de mudanças e reconstruções. Para os nossos alunos negros, passar a “se ver” através do estudo da cultura africana, de contos africanos, bonecas negras, livros de história em que haja personagens negros contribuirá muito para que se sintam valorizados. Algumas pessoas pensam que a lei tem como objetivo é colocar a raça negra em evidência para que seja vista como superior, mas ao contrário, o objetivo é reparar a posição em que historicamente o negro foi colocado como inferior.

Entre quatro e seis anos, as crianças ainda tem muito presentes nas suas concepções, o que pensam seus pais. A cultura familiar é muito forte nessa idade. No caso dos nossos alunos brancos, a imagem do negro é reforçada pelo que pensam seus pais, a medida em que crianças vindas de lares onde o preconceito é natural costumam assumir essa postura, discriminando seus colegas negros. Dessa forma, os estudos contribuem para a mudança de pensamento através do esclarecimento, pois o reforço da imagem positiva do negro por parte da escola confrontará a imagem inferior trazida de suas relações familiares, permitindo uma reflexão por parte desse aluno branco que viabilizará uma mudança de pensamentos.

Percebi que em nossa escola a lei ainda não estava sendo aplicada de maneira ideal, pois era desenvolvida através de projetos em que focamos o tema durante algum tempo sem que o tema conste nos Planos de Atividades. Porém não é isso que diz a lei. Nela a garantia desse o estudo deve estar assegurada no Currículo Escolar, no caso da Educação Infantil nos Planos de Atividades. Ao trabalhar a cultura africana percebi que esse estudo poderia ser gradativo, ao longo das séries, e não em formato de projeto, todo no mesmo mês (ou meses). Poderíamos iniciar a musicalidade e instrumentos no berçário, trabalhar a culinária no Pré Maternal e assim por diante, realizando assim um trabalho contínuo de

valorização do negro em nossas escolas contemplando, enfim, a lei em nossas salas de aula.

Diante desta realidade acredito que desenvolver uma pesquisa que possibilitasse aos alunos valorizar a cultura afrobrasileira e que contribuísse efetivamente com a superação de preconceitos e práticas discriminatórias e racistas, a princípio no ambiente escolar e também fora dele, significa um passo importante rumo à elevação da autoestima dos alunos negros e a superação do racismo na escola. Também julgo fundamental para o professor refletir sobre a importância de um currículo escolar democrático, que contemple as diferentes infâncias que temos em nossas salas de aula.

Apesar da ansiedade em fomentar este debate e em desenvolver práticas educativas antirracistas, ainda há muito a fazer para que o tema desta pesquisa “saia do papel” e deixe de ser apenas textos de leis e livros, e passando a ser parte dos Planos de Atividades (currículo escolar). É bastante difícil encontrar livros que falem da cultura africana e, quando encontramos, muitos não estão de acordo, trazendo a imagem do negro diferente do real, descaracterizando assim o trabalho de identidade que visamos.

As afirmações contidas nesse trabalho não podem ser generalizadas, visto que a pesquisa foi realizada em apenas uma turma de maternal. Porém, mostra os primeiros passos que podem ser dados na educação infantil, visando efetivar o respeito às diferenças étnicas e culturais e a educação antirracista nas salas de aula através da prática dos educadores e das relações entre alunos, professores, funcionários e comunidade escolar.

8. REFERÊNCIAS

BOGDAN R, BIKLEN SK.- **Qualitative research for education**. Boston, Allyn and Bacon, Inc., 1982.

CAVALLEIRO, Eliane (org.).- **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985

GONÇALVEZ, Petronilha Beatriz – **Racismo expulsa criança da escola**. Fonte: Folha de São Paulo - 25/03/2002

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986, p. 57.

PARÉ, Marilene Leal - **Auto Imagem e Auto-Estima na Criança Negra: um Olhar sobre o seu Desempenho Escolar**. Dissertação de Mestrado,PUC, Porto Alegre,2000

ROMÃO, Jeruse - **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA Jr., Hédio. **Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais** / Hédio Silva Jr. – Brasília: UNESCO, 2002.

UNESCO. Declaração de 1950. In VVAA. **Raça e Ciência II**. São Paulo, Perspectiva, 1972

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos**. (2Ed.). Porto Alegre: Bookman. 2001.

7. ANEXOS